




## CORPO E INFÂNCIA NAS PESQUISAS EM EDUCAÇÃO INFANTIL: TRAJETÓRIAS DO NUPEIN

**Body and childhood in early childhood education research: Nupein trajectories**

Márcia **BUSS-SIMÃO**

Estudos Especializados em Educação  
Universidade Federal de Santa Catarina  
Florianópolis, Brasil

[marcia.simao@gmail.com](mailto:marcia.simao@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0001-6076-0640> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo ●

### RESUMO

O artigo reúne pesquisas, vinculadas a produção do Nupein, que dão visibilidade para as diferentes dimensões do corpo na educação da infância, mais marcadamente, suas relações com as especificidades da docência e com os marcadores sociais. Do total de 80 dissertações de mestrado e das 17 teses de doutorado defendidas no grupo de pesquisa Nupein, foram selecionadas, 21 pesquisas, cinco em nível de doutorado e 16 em nível de mestrado. Como critério de inclusão foram reunidas as pesquisas que se debruçaram, de forma exclusiva ou transversal, sobre corpo e infância e suas implicações nos processos educativos-pedagógicos na educação infantil. A leitura das pesquisas resultou em duas categorias de análise: a) o corpo como um delineador das especificidades da docência; b) o corpo e as relações com os marcadores sociais: gênero, etnia-raça, classe e geração. As análises apontam a relevância do corpo na delimitação das especificidades da docência na educação infantil e na constituição das identidades pessoais e sociais das crianças nos processos de socialização.

**PALAVRAS-CHAVE:** Corpo. Infância. Pesquisas. Educação Infantil.

### ABSTRACT

The article brings together research, linked to the production of Nupein, which give visibility to the different dimensions of the body in childhood education, more notably, its relations with the specificities of teaching and social markers. From a total of 80 master's dissertations and 17 doctoral theses defended in the Nupein research group, 21 were selected, five at the doctoral level and 16 at the master's level. As inclusion criteria, the researches that focused, exclusively or transversally, on the body and childhood and their implications in the educational-pedagogical processes in early childhood education were gathered. Reading the research resulted in two categories of analysis: a) the body as an outline of the specifics of teaching; b) the body and relationships with social markers: gender, ethnicity-race, class and generation. The analyzes point to the relevance of the body in the delimitation of teaching specificities in early childhood education and in the constitution of children's personal and social identities in socialization processes.

**KEYWORDS:** Body. Childhood. Researches. Early childhood education.

## NOTAS INTRODUTÓRIAS

A escrita deste artigo, busca atender ao convite e desejo de celebrar os 30 anos de pesquisa sobre a Educação Infantil do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. O Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN foi fundado em 1991 com o nome de Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação de 0 a 6 anos (NEE0A6) pelas professoras Ana Beatriz Cerisara, Eloisa Acires Candal Rocha e pelo professor João Josué da Silva Filho. Nesses 30 anos de constituição, o Nupein estabeleceu uma trama densa com a pesquisa e de aproximação aos contextos públicos de educação, movimentos e lutas sociais, com o compromisso pela defesa dos direitos sociais, mais pontualmente, com o direito a uma educação infantil pública e de qualidade para todas as crianças de 0 a 5 anos e 11 meses. Em artigo publicado por Silva; Luz; Faria Filho (2008, p. 96), que reuniu uma primeira análise sobre Grupos de pesquisa sobre infância, criança e educação infantil no Brasil, as/os autoras/es indicam a relevância e importância dos grupos de pesquisa para a “[...] constituição da área da educação infantil no campo da educação”. Assim, o dossiê aqui proposto, busca dar visibilidade para a trajetória do Nupein e sua parcela de contribuição para a constituição da área da educação infantil no campo da educação no Brasil.

O artigo, reúne análises de pesquisas vinculadas a produção do Nupein, realizadas neste período que deram visibilidade para as diferentes dimensões do corpo na educação da infância e em suas relações com a docência, especialmente ao corpo em suas relações com os marcadores sociais. Considerando que a produção de pesquisas do Nupein, ao longo de sua existência perseguiu, particularmente três eixos: “a pedagogia, a política e a formação”, nas palavras de Eloisa Acires Candal Rocha (2021, p.1639)<sup>1</sup>: “[...] um eixo para estudo sobre a prática pedagógica; um eixo sobre história e política da educação infantil; outro eixo era da formação de educadores (inicial e em serviço)” reunimos as pesquisas que, de forma exclusiva ou transversal, apontam a relevância do corpo na delimitação das especificidades da docência na educação infantil e na constituição das identidades pessoais e sociais das crianças nos processos de socialização.

Para reunião e análise das pesquisas realizamos uma busca nos currículos lattes das/os fundadoras/es líderes e vice-líderes do Nupein: Ana Beatriz Cerisara, Eloisa

---

<sup>1</sup> Trecho de entrevista concedida pela professora e pesquisadora Eloisa Acires Candal Rocha para a composição desse Dossiê temático comemorativo aos 30 anos do Nupein, publicada na Seção Entrevista.

Acires Candal Rocha, João Josué da Silva Filho, Kátia Adair Agostinho e Márcia Buss-Simão que, ao longo desses 30 anos, assumiram, de forma compartilhada, as funções de liderança e vice-liderança do Nupein. Do total de 80<sup>2</sup> dissertações de mestrado e das 17 teses de doutorado defendidas nesse período no PPGE/UFSC/Nupein, selecionamos, 19 pesquisas e mais duas dissertações defendidas no PPGE/Unisul/Nupein. Como critério para inclusão<sup>3</sup> e seleção reunimos as pesquisas que se debruçaram, de forma exclusiva ou, transversalmente, sobre o corpo e infância e suas implicações nos processos educativos-pedagógicos na educação infantil.

O conjunto de pesquisas, agrupados pelos nomes das orientadoras e orientador e fundadoras/es líderes e vice-líderes do Nupein segue no Quadro 1:

**Quadro 1: Conjunto de pesquisas desenvolvidas no Nupein com a temática corpo**

Orientador/a	Ano	Nível	Título	Autor/a
Ana Beatriz Cerisara	2002	Mestrado	As crianças no interior da creche: a educação e o cuidado nos momentos de sono, higiene e alimentação	Ângela Scalabrin Coutinho
	2004	Mestrado	Ser professora de bebês: um estudo de caso em uma creche conveniada	Fernanda Carolina Dias Tristão
	2005	Doutorado	Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: um estudo a partir de professores homens na creche	Deborah Thomé Sayão
Eloisa Acires Candal Rocha	2007	Mestrado	Infância, Corpo e Educação na produção científica brasileira (1997-2003)	Márcia Buss-Simão
	2007	Mestrado	O acesso das crianças negras à educação infantil: um estudo de caso em Florianópolis	Cristiane Irinéia Silva
	2009	Doutorado	Vozes infantis: as culturas das crianças Sateré-Mawe como elementos de (des)encontros com as culturas da escola	Roberto Sanches Mubarak Sobrinho
	2011	Mestrado	Professoras de bebês: as dimensões educativas que constituem a especificidade da ação docente	Fabiana Duarte

<sup>2</sup> Cabe aqui um esclarecimento, de que, nesse total de 80 pesquisas de mestrado foram contabilizadas somente as pesquisas orientadas pelos líderes e vice-líderes do Nupein nesse período e que tenham sido defendidas no Programa de Pós-Graduação de Mestrado em Educação da UFSC. Assim, oito pesquisas de mestrado, orientadas pela Márcia Buss-Simão, não foram contabilizadas nesse total, pois, foram orientadas e defendidas no período de sua vinculação institucional ao Programa de Pós-Graduação de Mestrado em Educação da Unisul. Considerando que o critério de busca para as pesquisas foi o currículo Lattes dos líderes e vice-líderes do Nupein duas pesquisas – Barbosa (2015) e Silva (2018) - dessas oito por ela orientadas na Unisul foram incluídas nas análises aqui desenvolvidas.

<sup>3</sup> Os critérios de inclusão aqui definidos seguiram a lógica de localizar a centralidade do corpo nas pesquisas reunidas, no entanto, não desconsideramos que outras pesquisas, desenvolvidas por integrantes do Nupein, também tenham contribuído com um aprofundamento da temática. Mencionamos especialmente: a pesquisa de mestrado e doutorado de Schmitt (2008 e 2014) que trouxe as relações sociais dos bebês no mestrado e se deteve nas relações sociais entre professoras, bebês e crianças pequenas no contornos da ação docente no doutorado; a pesquisa de mestrado de Varotto (2015) que buscou aprofundar as práticas pedagógicas da Educação Física com bebês; as pesquisas de mestrado e doutorado de Lessa (2011 e 2018) que investigou o espaço alimentar e seu papel na socialização da infância e os processos geracionais nas relações e práticas do comer das crianças na educação infantil; a pesquisa de doutorado de Gonçalves (2019) que, ao focar nas relações dos bebês com os livros, revela como os bebês criam modos próprios de leituras sensoriais, em que o corpo é a narrativa; a pesquisa de doutorado de Duarte (2020) que trouxe as relações socioculturais das crianças na escola de samba.

Orientador/a	Ano	Nível	Título	Autor/a
	2013	Mestrado	Relações sociais na educação infantil: dimensões étnico-raciais, corporais e de gênero	Eduarda Souza Gaudio
	2016	Mestrado	A dimensão corporal na relação educativa com bebês: na perspectiva das professoras	Rubia Vanessa Vicente Demetrio
	2017	Doutorado	"Por que a gente tem um corpo né... Mas a gente só lembra quando ele dói!" A centralidade do corpo adulto nas relações educativas na Educação Infantil	Samantha Sabbag
João Josué da Silva Filho	2003	Mestrado	A mística, a luta e o trabalho na vida das crianças do assentamento Conquista na fronteira: significações e produções infantis	Deise Arenhart
	2004	Mestrado	Cenas de meninas e meninos no cotidiano institucional: um estudo sobre as relações de gênero, sexualidade e poder na educação infantil	Arlete da Costa
	2012	Doutorado	Relações sociais em um contexto de educação infantil: um olhar sobre a dimensão corporal na perspectiva de crianças pequenas	Márcia Buss-Simão
	2013	Mestrado	<i>Okotêvê ja vy'a</i> educação escolar indígena e educação indígena: contrastes, conflitos e necessidades	Joana Vangelista Mongelo
	2013	Mestrado	Relações étnico-raciais: orientações, leis e prática nas instituições de educação infantil	Simone Vanzuita
	2013	Mestrado	Dos bailes de outrora à Festa da Tainha: significados e princípios educativos das festas no quilombo Aldeia	Ana Lúcia Sant'anna Farias
	2014	Doutorado	"Vem brincar na rua!" Entre o Quilombo e a Educação Infantil: capturando expressões, experiências e conflitos de crianças quilombolas no entremeio desses contextos	Elaine de Paula
Kátia Adair Agostinho	2019	Mestrado	O corpo dos bebês na constituição da especificidade da docência na educação infantil	Viviane Vieira Cabral
Márcia Buss-Simão	2015	Mestrado	A dimensão corporal na formação inicial de Pedagogia: uma análise dos currículos nas universidades federais do Brasil	Carolina Barbosa
	2018	Mestrado	As dinâmicas corporais na docência com bebês	Isabel Rodrigues da Silva
	2021	Mestrado	Infância e Pedagogia: uma análise sobre documentos curriculares de formação inicial em interlocução com as relações de gênero e sexualidade	Karine Zimmer

Fonte: elaborado pela própria autora em 2021 com base na consulta aos currículos lattes.

Uma breve análise do quadro, revela que desse conjunto de 21 pesquisas, cinco são em nível de doutorado e 16 em nível de mestrado. Referente a autoria das pesquisas somente um autor é do sexo masculino, sendo as demais todas do sexo feminino. A maioria das mulheres são brancas sendo que somente uma das autoras é negra e uma é indígena (representante da etnia Guarani). Quanto a atuação profissional, todas/os são professoras/es da educação básica ou do ensino superior.

O conjunto de pesquisas aqui reunidas aponta que a produção acadêmica sobre corpo, infância e educação infantil, no Nupein, é inaugurada com a pesquisa de Buss-Simão (2007) e, percebemos sua continuidade de forma transversal nas pesquisas, até sua consolidação gradual como tema central de pesquisas. Ao longo dessa trajetória a temática se fez presente, mais marcadamente, nas pesquisas que dão visibilidade aos corpos das crianças pequenas, desde bebês e, de certo modo, o corpo das professoras<sup>4</sup> e dos professores<sup>5</sup> mantinha-se na invisibilidade ou, emergia como dado de pesquisa, a exemplo de Tristão (2004) e Duarte (2011) até se tornar centro das análises nas pesquisas de Demetrio (2016); Sabbag (2017) e Silva (2018).

É possível afirmar que, do total de pesquisas realizadas no Nupein, o corpo só ganha centralidade em poucas delas, dado que se observa no âmbito nacional<sup>6</sup> e na constituição da área da educação infantil no campo da educação no Brasil. As ausências do corpo na produção acadêmica na educação infantil são também marcas da ausência do corpo na teoria social, como alertam Shilling (1996) e Turner (1996). A ausência histórica da dimensão corporal na sociologia é justificada por Turner (1996) pelo fato de que esse campo pretendia se dedicar somente às questões sociais e, com isso, recusou tudo aquilo que teria também uma relação com a dimensão biológica. O autor destaca que, atualmente, os estudos têm mostrado que o corpo é também uma questão social (e educacional), com isso, a sociologia busca 'recuperar' a 'brecha' deixada nos estudos sociais. Nesse sentido Turner, (1996, p. 74), destaca: "Para aceitar a corporalidade da vida humana, não é necessário negar o fato de que a natureza do corpo humano também é um efeito da atividade cultural e histórica. O corpo é ao mesmo tempo natural e cultural". Shilling (1996) salienta que, entre outros, o movimento feminista foi um grande impulsionador que mobilizou a atenção da sociedade e da política para o corpo. Da mesma forma, sabemos que a luta pelo direito

---

<sup>4</sup> Cabe destacar que quando nos referimos a professoras/es estamos também nos referindo as auxiliares de sala e para tal justificativa retomamos aqui uma opção já anunciada em Buss-Simão; Rocha (2018, p. 17): "Orientadas por um posicionamento político e reivindicatório do reconhecimento da especificidade da docência na educação infantil, que implica o compartilhamento da ação entre duas profissionais que exercem docência, propomos que tanto professoras como auxiliares deveriam ser denominadas de docentes, não desanimando perante os desafios da profissão e lutando por uma carreira de magistério e piso nacional para ambas. No entanto, tal posicionamento não ignora as contradições políticas que geram as condições de trabalho das auxiliares, com salários mais baixos, planos de carreiras ineficientes e desvalorização profissional".

<sup>5</sup> Apesar da pouca presença de professores homens na educação infantil, nesse texto, como desenvolveremos mais adiante, optamos por incluir a denominação professores também no masculino, num contra-movimento, de contestação perante as resistências quanto a presença de professores homens na docência, especialmente nas ações de cuidado e educação de bebês.

<sup>6</sup> Na contramão dessa tendência, destaca-se o laboratório de pesquisa Imagem – Grupo de Pesquisa sobre corpo e educação, coordenado por Ingrid Dittrich Wiggers e Jonatas Maia da Costa que, em suas pesquisas, colocam em diálogo infância, educação do corpo e mídias.

à creche, à educação infantil, também seguiu a esteira das pautas feministas, revelando as aproximações entre corpo, direito à creche e lutas e conquistas feministas.

Cabe estabelecer que, resgatado de sua concepção biologizante, compreendemos o corpo como interconexão entre natureza e cultura e, por isso mesmo, tão central para uma compreensão da indissociabilidade do cuidar e educar na educação infantil, sendo um delineador das especificidades da docência nessa etapa educativa. Ao mesmo tempo, o corpo, por ser ao mesmo tempo natural e social carrega as marcas de nossos pertencimentos sociais, de gênero, etnia-raça<sup>7</sup>, classe e geração.

Assim, a reunião dessas pesquisas, dá visibilidade para as investigações que se inscrevem, por um lado, em demarcar a relevância das experiências corporais, pois, o corpo expressa e carrega consigo marcas do que experienciamos e vivenciamos em relação aos marcadores sociais de gênero, etnia-raça, classe social, geração, sexualidade, credo e território, por outro, em demarcar e dar perceptibilidade as especificidades da docência na educação infantil e o entrelaçamento do corpo e das emoções nas ações de cuidado e educação. As especificidades da docência e esse entrelaçamento ganha relevo nas formas comunicativas, na autonomia e na necessidade intensa de ações que envolvem a dimensão do cuidado corporal e emocional, além das dinâmicas e demandas corporais específicas, sendo essas demandas corporais, demarcadas pelas demandas corporais das crianças pequenas, desde bebês, exigindo uma *disponibilidade corporal* (SILVA, 2018) das professoras e dos professores.

A partir da seleção desse conjunto de pesquisas, acessamos os textos na íntegra, disponíveis no Repositório da Biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina, para leitura, categorização e análise. Importante destacar que não agrupamos as pesquisas exclusivamente a cada uma das categorias, como sugere Vala (1999) referindo-se ao teste da validade interna, conferindo os critérios de *exaustividade* e *exclusividade*. Quanto ao critério de *exaustividade* definimos que todas as pesquisas poderiam ser agrupadas a alguma das categorias de análise, ou seja, todo material poderia ser utilizado para a construção do artigo. Quanto ao critério de *exclusividade*, (em Bardin (1977) *exclusão mútua* - uma das qualidades para a elaboração das categorias), em

---

<sup>7</sup> Optamos pelo uso do termo etnia-raça ou étnico-racial seguindo as orientações de Nilma Lino Gomes (2005, p. 47), que demarca a importância de se compreender raça com num sentido político, ao dar visibilidade a relação direta com o racismo: “[...] significado político construído a partir da análise do tipo de racismo que existe no contexto brasileiro e considerando as dimensões histórica e cultural que este nos remete”, e o termo etnia sob uma perspectiva política de considerar “[...] uma multiplicidade de dimensões e questões que envolvem a história, a cultura e a vida dos negros no Brasil” (GOMES 2005, p. 47).

que uma mesma unidade de registro só pode ser agrupada numa única categoria, optamos por não respeitar esse critério, pois, uma mesma pesquisa não precisa ser engessada em uma única categoria, com sentido único e acabado, mostrando a polissemia, complementaridade e complexidades das categorias de análise. Com esse desenho metodológico, buscamos de forma mais dinâmica, interconectada e fluída a composição das categorias de análises. Para esse processo, as primeiras tentativas de agrupamento e organização das categorias se deu com base nos títulos e resumos das pesquisas. À medida que realizávamos as leituras das teses e dissertações ajustávamos a composição das categoriais de análise abrindo possibilidade para a polissemia, complementaridade e complexidades das categorias de análise. Desse processo resultaram duas categorias de análise: i) o corpo como um delineador das especificidades da docência; b) corpo e suas relações com os marcadores sociais: gênero, etnia-raça, classe e geração.

## **O CORPO COMO DELINEADOR DAS ESPECIFICIDADES DA DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

As pesquisas, Coutinho (2002); Tristão (2004); Buss-Simão (2007); Duarte (2011); Demétrio (2016); Sabbag (2017); Silva (2018) e Cabral (2019), reunidas nessa primeira categoria "*corpo como um delineador das especificidades da docência*", dão prenúncios, num primeiro momento de forma transversal, por meio das dissertações de Coutinho (2002); Tristão (2004); Duarte (2011) para a ação docente, sobretudo no cotidiano de grupos de bebês, sendo delineada pelas demandas corporais em sua interface biológica e cultural. A partir desses indicativos, as pesquisas mais recentes desenvolvidas por Demétrio (2016); Sabbag (2017); Silva (2018) e Cabral (2019), buscam direcionar o olhar, mais detidamente, para esses indícios, realizando pesquisas em que o corpo é o eixo central de análise.

Nessa categoria, destacamos, primeiramente, a pesquisa que inaugura a produção acadêmica sobre corpo, infância e educação infantil no Nupein como tema central de análise. A dissertação de mestrado de Márcia Buss-Simão (2007), buscou recuperar, na produção científica brasileira, as concepções de infância, corpo e educação entre o período de 1997-2003. A análise das concepções de corpo, criança e educação presentes nas produções sobre infância em diferentes áreas do conhecimento, pretendia, trazer indicações para as práticas educativo-pedagógicas e, também, indicações para a concretização de uma Pedagogia da Educação Infantil, por

compreender que estas concepções acabam por orientar o âmbito da ação pedagógica com as crianças. A relevância da pesquisa assentava-se na premissa de que, historicamente, na educação infantil, as atividades ligadas ao cuidado do corpo, à higiene, alimentação, sono das crianças eram desvalorizadas e diferenciadas das atividades consideradas educativas e pedagógicas.

Essa dicotomia entre o cuidar e educar na educação infantil remonta a dicotomia natureza e cultura. Entre os dados encontrados na pesquisa de Buss-Simão (2007), destacamos as discussões referentes aos reducionismos, sejam eles biológicos ou culturais, que ainda são observados nas produções que tematizam a infância e o corpo. A crítica ao reducionismo e determinismo biológico foi imprescindível para o avanço dos conhecimentos nesse campo, todavia, com os estudos e críticas já avançados, impôs-se a necessidade de rever também esses reducionismos e determinismos sociais. No âmbito das ciências humanas e sociais, a ânsia em legitimar as determinações sociais, culturais e históricas na constituição do corpo, deixou de considerar a inegável parcela de contribuição da determinação biológica. Somente estudos recentes passam a considerar as inter-relações dessas duas dimensões, compreendendo que corremos o risco de deixar na sombra aspectos essenciais da complexidade das relações que intercorrem entre estas duas dimensões - natureza e cultura - se mantivermos a perspectiva de concebê-las como dualidade e como oposições.

Contudo, lidar com a perspectiva de que o corpo se constitui por uma interconexão entre natureza e cultura, é uma explicação que exige novos posicionamentos e reflexões. Uma possibilidade consiste em que esse diálogo se dê por meio de um enfoque multidisciplinar de diferentes áreas de conhecimento, buscando estabelecer comunicação entre as explicações sociológicas e as explicações das ciências naturais. Desse modo, as pesquisas aqui apresentadas tomam como referente teórico um diálogo disciplinar com a Sociologia do Corpo com Boltansky (1989); Elias (1994); Le-Breton (2006); Shilling (1996 e 2008); Turner (1992, 1996, 1996a e 2009); Antropologia do Corpo com Le-Breton (1995 e 2009), História do Corpo com Soares (1998 e 2001); Silva (1999); Corbin, Courtine e Vigarello (2008); Vigarello (1996) a fim de chegar a uma compreensão de corpo como, inegavelmente biológico e, ao mesmo tempo, culturalmente determinado.

É importante compreender que essas dualidades e reducionismos trouxeram e, ainda trazem, limitações no âmbito das intervenções sociais, em especial, para a educação, pois desconsideram a complexidade presente no real ao não levarem em conta que o corpo se constitui na interconexão entre natureza e cultura, a partir de



elementos dessas duas *heranças*. Os efeitos desse modo dicotômico de compreender o corpo têm repercussões até hoje, também, para a docência na educação infantil. Por exemplo, é com base numa concepção de corpo como *herança* da natureza e biológica, que nesta primeira etapa da educação básica, as atividades ligadas ao corpo, à higiene, alimentação, sono das crianças são menos valorizadas, ou até depreciadas, pois envolvem tarefas tais como alimentar, dar banho, trocar fraldas, (essa depreciação social das relações em torno dessas tarefas está também ligada ao trato com o limpar e com a produção de fluídos corporais) manter contatos corporais constantes com as crianças e estabelecer formas de comunicação cuja predominância reside em manifestações emocionais-corporais. Essas ações, parte integrante da especificidade da docência, eram - e ainda são em alguns contextos - desvalorizadas e diferenciadas das atividades tidas como 'pedagógicas', estas sim entendidas como sérias e merecedoras de atenção e valor.

Buscando dar visibilidade aos "[...] cuidados, aos momentos de contato que, além do objetivo primeiro - o de suprir as necessidades físicas -, está carregado de muitos outros significados extremamente importantes para as crianças" (COUTINHO, 2002, p. 139-140) é que a pesquisa de Ângela Maria Scalabrin Coutinho (2002) dirige o olhar para as relações sociais e culturais das crianças em momentos considerados como vinculados somente a uma dimensão biológica do corpo, como momentos do sono, higiene e alimentação, sendo estes como delineadores das especificidades da docência na educação infantil. Nas cenas observadas que envolviam higiene (troca de fraldas, escovação dos dentes, lavar as mãos e rosto), para além da preocupação com a limpeza, algumas crianças manifestavam prazer com aproximação corporal, outras, um desconforto (pelas ações mecânicas e apressadas realizadas pelas professoras<sup>8</sup>) nos contatos corporais, revelando que nas ações dirigidas ao corpo há uma interconexão destas duas dimensões - natureza e cultura.

Objetivando descrever e analisar como se constitui a prática pedagógica de professoras que trabalham com bebês em instituições de educação coletiva, Fernanda Carolina Dias Tristão (2004) evidencia em sua pesquisa o quanto diversas das ações realizadas pelas professoras no dia-a-dia da creche, sobretudo as atividades ligadas ao corpo, à higiene, alimentação, sono, são menos valorizadas, ou até depreciadas, sendo automatizadas e, vistas como menos importantes, passam despercebidas, sendo estas delineadoras das especificidades da docência:

---

<sup>8</sup> A referência a professoras no feminino (somente) se dá seguindo a nomenclatura utilizada nas teses e dissertações em análise.

Essa sutileza está presente em atos cotidianos, aparentemente pouco significativos, mas que revelam a importância do trabalho docente com bebês. Virar uma criança, colocá-la mais perto do grupo, perceber seus sinais corporais, estar atenta à temperatura ambiente para deixá-la com uma roupa confortável, cobri-la em um dia de frio e outras tantas ações podem fazer a diferença entre a atenção, característica de uma prática humanizadora, plena de significados e o descaso, característico das práticas desumanizadoras, para cada um daqueles meninos e meninas (TRISTÃO, 2004, p. 134).

Com a pretensão de tratar, mais detidamente, as dimensões educativas e as especificidades da ação docente de professoras de bebês na creche a investigação de Fabiana Duarte (2011), direciona o olhar para os momentos de cuidado como alimentação, higiene, os descreve como concentradores das ações das professoras, ações estas mediadas pela dimensão corporal:

Esse contato corporal, essa relação corpo a corpo entre adultos e bebês, está presente em todo o cotidiano dos grupos de bebês, porém nos momentos de cuidados com o corpo (higiene e alimentação) ele é mais visível e recorrente, pelo fato de esses concentrarem as ações das professoras (DUARTE, 2011, p. 191).

As pesquisas de Coutinho (2002), Tristão (2004) e Duarte (2011) permitem compreender como a ação docente, sobretudo no cotidiano de grupos de bebês, vai sendo contornada pelas demandas corporais em sua interface biológica e cultural e, de certo modo, contribuem e dão visibilidade a uma superação aos modos dicotômicos de compreender o corpo e sua centralidade ao delinear as especificidades da docência na educação infantil. O acúmulo desses conhecimentos, revelou a importância e necessidade de um aprofundamento, para compreender os contornos da docência, assim, as pesquisas de Demetrio (2016), Sabbag (2017), Silva (2018) e Cabral (2019) trazem esses detalhamentos.

Partindo do princípio de que a relação estabelecida entre a professora e bebês é primordialmente corporal, a investigação desenvolvida por Rúbia Vanessa Vicente Demetrio (2016) questionou, de que modo, essa dimensão compõe a especificidade da relação educativa com bebês. Os dados evidenciaram que a dimensão corporal compõe a especificidade educativa do grupo de bebês, principalmente, nas *ações de cuidado*, *ações de brincadeira* e *ações de comunicação*. A pesquisa de Demetrio (2016) corrobora com os dados da pesquisa de Sabbag (2017) ao evidenciar que as relações estabelecidas no grupo de bebês exigem da professora uma disposição corporal para atender às necessidades físicas, emocionais e relacionais dos bebês, o que provoca um desgaste do corpo adulto e uma necessidade de compartilhamento da docência com um/a terceiro/a profissional.

A pesquisa de Samantha Sabbag (2017), trouxe elementos para conhecer a centralidade do corpo na constituição da docência na Educação Infantil, recolheu os dados por meio de entrevista e questionários e debruçou-se sobre as dinâmicas corporais da creche e da pré-escola revelando suas diferenças. Segundo Sabbag (2017), na creche as demandas corporais das professoras são constantes, principalmente na docência com bebês em que as relações são mais intensas. A autora evidencia que as professoras da creche executam, repetidamente, várias ações como alimentar, trocar, banhar, assear, se abaixar, levantar uma criança no colo, se acocorar, dentre outras, essas ações exigem muito em termos corporais, pois a maioria das ações são realizadas individualmente com cada criança e várias vezes ao dia. Nas entrevistas e questionários, as professoras informaram que a troca de fralda é a ação mais exigente corporalmente. Entre as professoras da creche, a postura corporal também se apresentou como um fato importante, pois, ao buscarem estar próximas das crianças, em sua altura, acabavam permanecendo com a coluna curvada por longos períodos e, diversas vezes, acarretando desgastes em seu corpo. As dores, cansaço, exaustão, desgaste, tendinites, inflamações e problemas de coluna foram apontados como as consequências mais recorrentes da docência da creche.

Quanto à docência na pré-escola, Sabbag (2017) constatou que as demandas também eram exigentes em termos corporais. As professoras apontaram as brincadeiras como aspecto que mais demanda disposição, pois acabam se movimentando intensamente e repetindo ações como correr, pular, saltitar, se abaixar, levantar, dentre outras ao brincarem junto às crianças. A pesquisa revelou que a maioria das professoras de pré-escola apresentam quadros de dor, ou problemas de saúde relacionados ao trabalho docente, sendo dores na coluna a queixa mais mencionada.

Os dados revelados por Sabbag (2017) foram instigadores para a continuidade e aprofundamento da temática, guiando o olhar para as dinâmicas corporais como delineadoras das especificidades da docência na educação infantil, por meio de pesquisas de campo etnográficas. As pesquisas em nível de mestrado, desenvolvidas por Isabel Silva (2018) e Viviane Vieira Cabral (2019), se dedicam a essa tarefa. Silva (2018) busca direcionar o seu olhar, mais detidamente, para as dinâmicas corporais das professoras nas relações com os bebês e Cabral (2019), por sua vez, dirige seu olhar para o corpo dos bebês na constituição da especificidade da docência.

A observação em campo na pesquisa de Cabral (2019) ressalta que os bebês possuem demandas corporais que mobilizam a professora, o que demanda uma

acolhida e resposta para o atendimento a essas necessidades próprias e intermitentes. Esses encontros, marcados pelo reconhecimento das singularidades dos bebês, são orientadores de suas ações, dando contornos constitutivos de uma docência que é relacional, ao mesmo tempo, que incidem na constituição subjetiva dos bebês. Nesse complexo movimento relacional, afirma Cabral (2019, p. 126) “[...] a ação docente com os bebês vai sendo composta por práticas cotidianas que estão implicadas com as necessidades, interpelações e manifestações de seu corpo nesse contexto de convívio coletivo”.

As duas pesquisas, de Cabral (2019) de Silva (2018), apesar de serem realizadas em instituições e redes municipais distintas, trazem dados aproximados dessas realidades, tanto que ao atentar para as dinâmicas corporais das professoras, Silva (2018) também revela que essas dinâmicas e demandas corporais da docência com bebês são marcadas pelas demandas corporais dos bebês. Como signo dessas dinâmicas e demandas corporais, Silva (2018) salienta que, ao responder e acolher as demandas dos bebês, as professoras revelam uma *disponibilidade corporal* intensa como delimitadora das especificidades da docência na educação infantil. Silva (2018) retoma o anúncio já lançado em outras pesquisas como as de Tristão (2004); Schmitt (2008 e 2014); Duarte (2011); Demetrio (2016); Sabbag (2017) e salienta a *disponibilidade corporal* enquanto conduta pedagógica que instiga e amplia as experiências sociais e individuais das crianças, desde bebês.

A docência na educação infantil, demanda relações e ações educativas e pedagógicas que exigem um corpo disponível, que se movimenta, se doa, se expressa, interage, muda de posições, de acordo com as especificidades dos bebês e das crianças pequenas que buscam uma proximidade corporal. Nessa *disponibilidade corporal* as imagens da pesquisa de campo de Silva (2018) revelam o quanto as pernas das professoras se tornam possibilidade de apoio, acesso e referências para as relações sociais. Essa busca constante se constitui em uma característica desta docência, pois para atender as necessidades emocionais, físicas e sociais dos bebês, as professoras precisam estar próximas corporalmente. É inevitável o contato físico, o toque, o consolo, o colo em acolher, significar, atender e responder para que se sintam seguros, de modo que, além das ações mediadas pelas “mãos da educadora” serem qualificadas, cuidadosas e respeitadas, pois “[...] movimentos ternos e delicados expressam atenção e interesses, enquanto que os gestos bruscos são um sinal de desatenção, de indiferença ou de falta de paciência” (TARDOS, 1992, p. 4), as pernas são também elos e referências de relações docentes:

Os dados de campo de nossa pesquisa revelam que além das *mãos das professoras*, que tocam, que acariciam, as *pernas das professoras* também são um elemento que permite relações, constituindo-se como um meio de apoio acessível, referência e segurança aos bebês. As pernas também afetam e são afetadas, são inúmeros os registros que revelam esse contato, essa busca tanto das pernas na horizontalidade como também na verticalidade, sendo elas um ponto de referência, de apoio e segurança para os bebês (SILVA, 2018, p. 111).

Nessas relações, as professoras mantêm uma proximidade corporal intensa com as crianças e demonstram em suas ações um grande envolvimento afetivo, o que vai ao encontro do que enfatiza Tardif (2001, p. 29), de que:

Uma boa parte do trabalho docente é de cunho afetivo, emocional. Baseia-se em emoções, em afetos, na capacidade não somente de pensar nos alunos, mas igualmente de perceber e de sentir suas emoções, seus temores, suas alegrias, seus próprios bloqueios afetivos.

Assim, a *disponibilidade corporal*, em acolher, significar, atender e responder às demandas dos bebês, acarreta compreender essa disponibilidade como conduta pedagógica e delineadora das especificidades da docência na educação infantil.

A pesquisa de Sabbag (2017), anteriormente apresentada, revelou também uma lacuna nas formações iniciais e continuadas de professoras/es no tocante ao corpo, que foi tema da pesquisa, em nível de mestrado, de Carolina Barbosa (2015) que buscou analisar, o lugar e as concepções de corpo privilegiadas nos currículos dos cursos de Pedagogia das Universidades Federais do Brasil. A partir de uma busca em todos os currículos das, 47 universidades federais, evidencia a pouca presença do corpo na formação inicial. Barbosa (2015) reúne um número de 27 disciplinas que tratam dessa temática, sendo que dessas, somente 10 disciplinas tratam do tema da *educação do corpo*, como central da disciplina. A presença do corpo, nas 27 disciplinas, abrange somente 18 cursos de Pedagogia das 47 universidades federais no Brasil. Esse dado, evidencia uma grande ausência de discussão sobre o corpo na formação inicial em pedagogia, em grande parte das universidades brasileiras, visto que 29 delas, não trazem sequer nenhuma referência sobre a temática "corpo" nas suas disciplinas.

As pesquisas apresentadas até aqui, apontam a relevância do corpo na delimitação das especificidades da docência na educação infantil. A análise desse conjunto revela um deslocamento do lugar do corpo nas pesquisas, nas primeiras pesquisas de Coutinho (2002), Tristão (2004) Duarte (2011), o corpo aparece como elemento secundário nas análises, mas, já revelando seu entrelaçamento e sua relevância no contorno das especificidades da docência. Nas pesquisas de Buss-Simão (2007); Barbosa (2015); Demétrio (2016); Sabbag (2017); Silva (2018) e Cabral

(2019) o corpo é tomado como eixo nas análises e permite avançar na compreensão de sua centralidade ao se delinear as especificidades da docência.

Cabe também demarcar que, desse conjunto de pesquisas, com exceção de Buss-Simão (2007) e Barbosa (2015), as demais se debruçaram e deram primazia a pesquisa com crianças da creche e, a maioria delas, especificamente com bebês, mobilizadas, por um lado, pelo alerta de Cerisara (2002, p. 107) de “[...] que uma melhor definição do papel das professoras de educação infantil, diferenciado do da professora de séries iniciais, só será possível na medida em que a especificidade do trabalho junto aos bebês e crianças pequenas for amplamente compreendida” e, por outro, pela exigência de “[...] um olhar multidisciplinar que favoreça a constituição de uma Pedagogia da Educação Infantil” (ROCHA 2001, p. 33), a buscarem alimentar o debate na área, por meio da interlocução com outros campos disciplinares.

Essa perspectiva de pesquisa ganha consistência com o movimento internacional denominado Estudos Sociais da Infância<sup>9</sup> com a intenção de aprofundar a compreensão sobre as crianças e os modos de viver a sua infância ou seja, *a criança em situação* como propõe Brandão (1985, p. 137; grifos no original): “Um novo campo interdisciplinar, agora integrando os avanços ocorridos desde então até hoje poderia ser capaz de investigar os importantes ‘espaços de silêncios’ que, de modo isolado, nenhum tipo de teoria ou de pesquisa está sendo capaz de desvelar”. Perseguindo “[...] esses ‘espaços de silêncios’ é que temos conduzido, nos últimos anos, diversas pesquisas em que, tendo como referência as próprias crianças, buscamos conhecer as dinâmicas das relações educativas como *experiência social* para as crianças” (ROCHA; BUSS-SIMÃO, 2018, p. 34) incorporando nas pesquisas uma visão de criança e infância mais situada, legitimando a defesa da infância enquanto uma construção social e da criança como sujeito de direitos e competente, incorporando nas análises categorias sociais como geração, classe, etnia-raça e gênero.

---

<sup>9</sup> Conforme Halldén (2005) na década de 1980 Chris Jenks (1982), Qvortrup Jens (1987) e Alanen Leena (1988) foram os primeiros a introduzir um novo quadro, seguidos por Allison James e Alan Prout como co-editores do livro *construindo e reconstruindo Infância* (1990). Este novo quadro, voltou-se para a perspectiva das crianças e defendendo a necessidade de estudar as crianças em seu próprio direito, em contraposição, a ideia de que são apenas indivíduos no caminho para a vida adulta. Seis teses foram formuladas, as quais estabeleceram uma plataforma paradigmática (James e Prout 1990). Desde então, tem havido consideráveis pesquisas usando essa abordagem, o que começou como a sociologia da infância é agora um ‘guarda-chuva’ amplo que abrange estudos da infância por pesquisadores das áreas de Sociologia, Psicologia, Educação, Antropologia, Geografia e História.

## **CORPO, GÊNERO, ETNIA-RAÇA E CLASSE NAS RELAÇÕES EDUCATIVAS-PEDAGÓGICAS**

Na segunda categoria de análise denominada o “*corpo nas relações com os marcadores sociais: gênero, etnia-raça, classe e geração*” reunimos dois blocos de pesquisas, um primeiro composto por Sayão (2005) e Zimmer (2021) que trazem o corpo por meio das relações de gênero e sexualidade na formação profissional, debruçando-se sobre as relações de gênero e docência na educação infantil, o segundo, composto pelas pesquisas de Arenhart (2003); Costa (2004); Silva (2007); Murabac Sobrinho (2009); Buss-Simão (2012); Vanzuita (2013); Farias (2013); Gaudio (2013); Paula (2014); Mongelo (2013) e que dão visibilidade para as relações de gênero, étnico-raciais e classe, na perspectiva das crianças e suas implicações nos processos educativos-pedagógicos na educação infantil.

A necessidade de delimitação das especificidades da docência na educação infantil é, desde a pesquisa de doutorado de Ana Beatriz Cerisara (2002), problematizada em pesquisas do Nupein. Como afirma Cerisara (2002), desde sua origem, a especificidades da docência na educação infantil carece de reconhecimento, pois, a ambiguidade dessa profissão se revela entre a função materna e a função docente. Trata-se de uma profissão marcada pelas relações de gênero, pois sua desvalorização se dá pelo fato de se constituírem a partir de “[...] ocupações diretamente associadas ao universo feminino em contraposição ao que se convencionou chamar de universo masculino de trabalho, geralmente identificado com o espaço público, em que as relações de impessoalidade predominam” (CERISARA, 2002, p. 25).

Os alertas de Cerisara (2002) são cruciais, pois, a partir de Scott (1995), compreendemos que gênero, mais do que se referir às mulheres ou às relações entre homens e mulheres, é um elemento constitutivo das relações sociais (um conjunto de significados e símbolos construídos sobre a base da percepção das diferenças sexuais) e, por isso, como afirma Connel (1987) é um aspecto estrutural da organização das sociedades, que demarca as relações de poder. Gênero não é apenas mais uma variável, mas uma categoria de análise fundamental para que se possa compreender e refletir sobre a construção da identidade de profissionais da educação infantil.

Esse embate, entre ser ou não uma profissão, evidencia ter como pano de fundo uma “[...] concepção de trabalho profissional baseada na versão masculina de trabalho, em que predominam a racionalidade, a objetividade e as relações impessoais e a correspondente negação de uma possível versão do trabalho feminino” (CERISARA,

2002, p. 63). A autora, continua sua argumentação de que, principalmente as professoras, que passaram por uma formação específica para poder assumir uma vida profissional no universo público, têm suas expectativas de competência profissional tanto mais abaladas quanto mais “[...] constatam que desenvolvem um trabalho, segundo elas, permeado pela emotividade e pela domesticidade das relações, que se opõe à racionalidade e à objetividade a que se convencionou associar aquilo que é *profissional*” (CERISARA, 2002, p. 105). O conjunto de pesquisas apresentado na seção anterior, revela o quanto essa docência na educação infantil é marcada pelas relações, pela emoção, por ações de cuidado e educação e, tratar da dimensão do cuidado na educação das crianças pequenas, significa ainda “[...] lidar com a desvalorização de ações que envolvem o corpo e a emoção na sociedade, apesar de todo o avanço das discussões teóricas e das definições legais que caracterizam a especificidade da docência na educação infantil” (SCHMITT, 2014, p.193).

Do lado oposto desta problemática, da constituição da docência na educação infantil, encontram-se os embates e debates sobre a presença de professores homens. Déborah Tomé Sayão (2005) em sua tese de doutorado, assegura que na educação infantil, não somente no Brasil, mas em vários outros países, as atividades docentes constituem espaço de atuação profissional ocupado, principalmente, por mulheres, por se basear em atributos de uma função social cuja gênese atrela-se ao feminino:

Os modelos socialmente construídos de mulheres, cuidadoras e homens, provedores, talvez tenham contribuído para gerar nas profissionais a aposta de que os docentes, não dariam conta do recado, tendo em vista que são elas que historicamente e desde a infância aprendem como cuidar (SAYÃO, 2005, p.177).

Sayão (2005), apresenta algumas pistas que nos permitem compreender o quão importante é a inserção e a permanência de profissionais do sexo masculino na docência na educação infantil, sendo, uma delas, a necessidade de, tanto homens quanto mulheres, romperem com a fixidez de padrões e funções destinados a cada gênero. Em pesquisa realizada por Varotto (2019), que buscou estabelecer um diálogo com estudos multidisciplinares das áreas da Educação Física e da Educação Infantil, evidenciou que, apesar da presença cada vez maior de professores do sexo masculino na Educação Física na Educação Infantil, em se tratando da atuação com bebês, ainda há predominância de professoras mulheres.

Passadas quase duas décadas, desde as pesquisas de Cerisara (2002) e Sayão (2005), ainda hoje, em dossiê temático publicado recentemente, pesquisadoras/es e professoras/es continuam denunciando que na realidade “[...] o ingresso, a



permanência e o desenvolvimento das ações pedagógicas, no cotidiano de professores homens em espaços de educação e cuidado de crianças, ainda são, normalmente, marcados por estranhamentos, preconceitos e discriminação” (RAMOS, GOMES, SILVA, 2020, p. 389).

Segundo os dados do Censo da Educação Básica de 2019, publicado em 2020, existem aproximadamente 599,5 mil professoras/es atuando na Educação Infantil brasileira e, desse total, somente 3,4% são homens (Brasil, 2020). Maria Regina Viveiros de Carvalho (2018), em pesquisa que mapeia o perfil de professoras/es da Educação Básica, indica que, na Educação Infantil, a presença de homens teve um pequeno acréscimo, pois saltou de 3,2% em 2009 para 3,4%, em 2017. Consideramos pertinente destacar que, as teses e dissertações analisadas e apresentadas, adotam, intencionalmente, como posicionamento político e de gênero, a denominação professoras no feminino. Essa intencionalidade objetivava (e ainda objetiva) demarcar e dar visibilidade para as mulheres e a profissionalidade docente na educação infantil, por ser constituída, na sua maioria, por mulheres.

Naquele momento histórico, início dos anos 2000, para as pesquisas apresentadas, usar a denominação professoras, no genérico feminino, serviu para confrontar e questionar o uso do genérico masculino na linguagem. Atualmente, no que concerne aos estudos de gênero, em que a presença e ausência de professores homens na educação infantil passa a ganhar mais destaque e relevância para as pesquisas, indagamos se o uso do feminino genérico, para nos referir as professoras, não contribui e ratifica os preconceitos e discriminações, ou pelo menos, contribui para consolidação de resistências quanto a presença de professores homens na docência, especialmente nas ações de cuidado e educação de bebês?

Por se tratar de uma categoria relacional, gênero é, conceitualmente, fundamental para tratar de docência, sobretudo na educação infantil. Recuperamos dois pontos de Teixeira Lopes (1994) que revelam a dimensão relacional da categoria gênero e sua pertinência:

- 1) Porque os estudos de gênero supõem que se estude também os homens [...] não mais uma história das mulheres, mas também não mais uma história em que o universal pressupõe o homem e exclui a mulher;
- 2) Porque leva em conta o outro sexo [...] um gênero se constitui culturalmente na sua relação com o seu outro, em presença ou ausência. (LOPES, 1994, p. 25).

Gênero, sendo um conceito relacional, permite questionar como os sentidos atribuídos aos corpos sexuais são construídos de modo relacional e, como esses

sentidos e significados, podem ser interrogados, eliminados ou transformados. No entanto, cabe o alerta, quanto a ausência, ou pouca presença, de discussões e disciplinas específicas sobre a temática gênero na formação inicial de licenciatura em Pedagogia.

A condução da pesquisa financiada pelo CNPq (BUSS-SIMÃO, 2015), analisou as bases curriculares dos cursos de licenciatura em pedagogia das Universidades Federais do Brasil e evidenciou o lugar marginal que a categoria gênero ocupa ao longo do processo formativo oferecido pelos cursos de pedagogia. Mesmo após a recente reestruturação dos cursos de Pedagogia em 2006, a investigação observou a ausência de disciplinas e discussões sobre a categoria gênero na formação inicial das 47 Universidades Federais que ofereciam o curso de Pedagogia. A pesquisa de Zimmer (2021) analisou os documentos curriculares de 13 cursos presenciais de formação inicial em Pedagogia das instituições da Associação Catarinense das Fundações Educacionais (ACAFE) em que contabilizou o total de oito disciplinas com denominações concernentes aos temas 'gênero' e 'sexualidade', sendo quatro em caráter obrigatório e quatro organizadas como disciplinas não obrigatórias. Cabe destacar que a oferta de disciplinas em caráter não obrigatório somente garante a formação a estudantes que demonstram interesse nessas discussões.

Ao situar esse grupo de pesquisas, Sayão (2005) e Zimmer (2021), que se debruçaram sobre as relações de gênero e docência na educação infantil, é possível perceber a pertinência de pesquisas e estudos que tomem o conceito de gênero como potencial analítico. Conceitualmente, gênero permite questionar como certezas, padrões, preconceitos, estereótipos podem ser interrogados, para então ser transformados ou, até mesmo eliminados, sendo essa compreensão fundamental para o exercício da docência.

O segundo bloco de pesquisas reunidas nessa categoria o "*corpo nas relações com os marcadores sociais: gênero, etnia-raça, classe e geração*", é composto pelas pesquisas de Costa (2004) e Buss-Simão (2012) que dão relevo às relações de gênero; Silva (2007); Vanzuita (2013); Farias (2013); Gaudio (2013) e Paula (2014) que evidenciam as relações étnico-raciais; Murabac Sobrinho (2009) e Mongelo (2013) que convocam olhar as crianças indígenas e os processos educativos e Arenhart (2003) que revela a mística, a luta e o trabalho na vida das crianças do MST.

As pesquisas de Arenhart (2003); Costa (2004); Murabac Sobrinho (2009); Buss-Simão (2012); Farias (2013); Gaudio (2013) e Paula (2014) realizaram pesquisas com crianças, embasadas em metodologias de pesquisa participativas e etnográficas, em

diálogo com os Estudos Sociais da Infância e os referenciais teóricos aos quais o Nupein se aproximava à época. As pesquisas de Silva (2007) e Vanzuita (2013) centraram-se em análises de documentos, tanto em fichas de matrículas que revelavam o acesso de crianças negras à educação infantil, quanto, em leis e orientações que subsidiam relações étnico-raciais e práticas educativas nas instituições de educação infantil.

O esforço de análise das relações educativas e pedagógicas, com atenção aos contextos de pertencimento das crianças, ou, da *criança em situação*, exigiu o diálogo disciplinar como indicado por Rocha (1999). O mapeamento nas produções científicas reunidas na dissertação de Buss-Simão (2007), indicou também um percurso de investigação, ainda necessário a ser realizado, para aprofundamento e melhor compreensão da relevância do corpo para as crianças na constituição de suas identidades e nos processos de socialização nos espaços educativos.

Visando superar a perspectiva de socialização centrada na relação verticalizada e hierarquizada, de caráter eminentemente impositivo e coercitivo, pesquisas do Nupein buscaram se aproximar de uma concepção relacional de socialização para o reconhecimento e legitimação das ações e relações das crianças e dos conhecimentos que elas mobilizam ao interagirem, cotidianamente, entre pares e também com as/os adultas/os. Importante demarcar que ampliar a ideia de socialização contribui para fortalecer as bases teórico-práticas da ação docente na educação da infância, “[...] bem como possibilita indicativos de uma participação efetiva das crianças, na busca por retirá-las da posição periférica ou da posição de subalternidade frente às discussões pedagógicas que lhes dizem respeito” (ROCHA; LESSA; BUSS-SIMÃO, 2016, p. 42).

Partiu-se do entendimento de que dirigir a atenção para as relações sociais entre crianças e com adultas/os no âmbito da creche e da pré-escola não era de interesse apenas para compreender os processos constituintes das crianças e dos modos de viverem a infância nos contextos das práticas educativas, mas também, matéria-prima para compreender os contornos da própria docência, de forma situada e atenta às especificidades que contornam aquelas/es a quem a ação é dirigida.

A potência em realizar pesquisas a partir das perspectivas sociais das próprias crianças, está em nos aproximar acerca de sua vida cotidiana em diferentes contextos culturais e, por meio dessas aproximações, tecer “[...] relatos provocativos que desafiam muitos dos pressupostos tomados como certos sobre o que as crianças fazem ou pensam” (JAMES, 2008, p.226).

Nesse intento, Costa (2004) e Buss-Simão (2012) aprofundaram as análises sobre corpo, nas perspectivas sociais das próprias crianças nas relações educativas na

educação infantil, ao investigar como as crianças pequenas expressam, manifestam, compartilham e dão significados a elementos culturais e sociais envolvendo o corpo. As duas pesquisas salientam a categoria gênero como uma das dimensões constitutivas das relações educativas na Educação Infantil. Costa (2004) procurou, a partir da análise de cenas do cotidiano das crianças na creche, compreender como essas crianças expressavam, interpretavam, reproduziam ou resignificavam os comportamentos e as regras sociais no que tange a construção das relações de gênero, partindo da compreensão de que as “[...] expectativas de gênero não são simplesmente inculcadas nas crianças pelos adultos, mas são socialmente construídas pelas crianças nas interações com adultos e entre si” (CORSARO, 2009, p. 35).

Considerando que a categoria gênero, precocemente, faz parte das relações das crianças no âmbito familiar e, também no institucional, pois, como afirma Thorne (1993) para as/os adultas/os, gênero é uma categoria útil para classificar, dividir, seriar, juntar as crianças, por isso, passa a ser central no âmbito das creches, pré-escolas e escolas. Torna-se assim, uma categoria profícua para ser analisada a partir do vivido pelas crianças em contexto de educação infantil. Tanto Costa (2004) quanto Buss-Simão (2012) partem do entendimento de que as relações de gênero, necessitavam ainda, ser analisadas na dinâmica de como são vividas pelas crianças, a fim de melhor compreender quais elementos sociais e culturais marcam esse processo. Como as crianças se utilizam desses conhecimentos nas interações e relações sociais que estabelecem com seus pares e com as/os adultas/os em instituições de educação infantil.

Como já anunciado, as pesquisas do Nupein objetivaram produzir conhecimentos que pudessem contribuir e balizar as ações educativas e pedagógicas, por isso, esse conjunto de pesquisas pretendeu compreender como essas situações eram vividas e significadas, pelas próprias crianças, de modo a sustentar uma proposta educativa em que os direitos das crianças possam realmente ser compreendidos respeitados. Ou seja, as pesquisas mantiveram como essencial a indicação de Rocha (2008, p. 47), de que a pesquisa educacional necessita manter um diálogo com diferentes campos disciplinares “[...] no sentido de conhecer o modo como as crianças vivem a sua infância e a representam, para, a partir daí, balizar a ação educativa”.

As pesquisas dão visibilidade às relações de gênero, na perspectiva de meninas e meninos, trazendo ações, relações, diálogos e brincadeiras das crianças, visando compreender, tanto o que elas sabem e aprendem sobre gênero, quanto, os usos que fazem desses conhecimentos em suas relações sociais a fim de conhecer, de que modo,

*trabalham*, reproduzem, atualizam, *neutralizam*, ressignificam e aprendem sobre esses elementos culturais e sociais ao estabelecerem relações sociais em espaços de educação infantil. Buss-Simão (2012) busca, sobretudo, um diálogo e fundamentação em Thorne (1993), Kelle (1997, 1999, 2000) e Ferreira (2002) a fim de analisar não somente as relações *intergêneros* (relações de gênero em grupos separados por sexo) mas também as *relações intragêneros* (as relações dentro do mesmo gênero).

Adotar esse perspectiva de análise busca, conforme Buss-Simão (2012), superar o dualismo existente entre as expectativas de gênero para meninas e para meninos, pois, quando as relações de gênero são analisadas somente em contraposição (*intergêneros*), podem desencadear ideias e suposições caricaturadas, reforçando o que é específico de um ou de outro, considerando, *a priori*, as diferenças entre gêneros mais importantes do que as diferenças no interior dos gêneros, além de, não incluir meninos e todas as formas e expressões que não seguem essa expectativa binária para as relações de gênero.

Outra marca importante da pesquisa de Buss-Simão (2012) foi, nas análises, considerar o conceito de *posicionamento*<sup>10</sup> para descrever o gênero (Ferreira, 2002). O conceito constitui-se uma noção essencial, porque permite compreender que, os modos possíveis das crianças construir e assumirem o gênero, não decorre de uma inerência biológica concreta, nem de uma inerência social abstrata, mas sim, porque se confrontam e jogam em ações situadas, as quais são múltiplas, complexas, contraditórias e dinâmicas. Por serem dicotômicas e contraditórias, algumas vezes, as crianças se tornam resistentes e desafiam a imposição de estereótipos, noutras vezes, atualizam, reproduzem e acentuam esses mesmos estereótipos.

Ao operar, nas análises, com o conceito de *posicionamento*, Buss-Simão (2012) aciona também o conceito de *trabalho de fronteiras*, a fim de revelar os modos como as crianças, nas relações sociais, *trabalham as fronteiras* de gênero. Ou seja, as crianças por meios das interações, (tanto entre grupos - *intergêneros*, quanto entre os sujeitos de um mesmo grupo - *intragêneros*), por um lado, podem enfraquecer e reduzir um sentido ativo de diferença, de oposição e dicotomia ou, por outro lado, fortalecer suas, diferenças, suas oposições e dicotomias, enfim, suas *fronteiras*. A noção de *trabalho de fronteiras* atribui a estas fronteiras um caráter episódico, multifacetado e contraditório

---

<sup>10</sup> McMURRAY McMurray (1998) esclarece que o conceito de *posicionamento* foi utilizado pela primeira vez por Walkerdine (1981) e Davies (1989) sendo compreendido como possíveis formas de ser. No ponto de vista dos autores das/os autoras/es, essas interpretações e posicionamentos, ou as formas possíveis de ser, foram relacionados, principalmente, ao poder e à dominação, portanto, relacionadas ao gênero.

e, permite analisar, as *relações inter e intragênero*, revelando como as crianças são capazes de *trabalhar* culturalmente o gênero.

Para descrever esse processo em que as crianças *trabalham* culturalmente o gênero, Buss-Simão (2012) sugere, nas análises, acionar o conceito de *neutralização das fronteiras* (THORNE, 1993), que consiste nos meios pelos quais, as crianças são capazes de neutralizar *fronteiras de gênero* fundadas na separação e na oposição.

A partir desse conceito, Buss-Simão (2012) convoca, a também as/os adultas/os, nas ações educativo-pedagógicas, acionarem o processo de *neutralização* a fim de fornecer possibilidades para que as *fronteiras de gênero* sejam desafiadas, questionadas e até superadas. Considera que os processos de *neutralização* apontam para possibilidade de ações educativas que busquem modos de trabalhar as *fronteiras*, que questionem, desafiem e superem as relações baseadas em oposições e divisões binárias de gênero. Algumas indicações podem ser encontradas a partir da observação e análise das interações e brincadeiras das crianças e da identificação dos seus agenciamentos de resistências que, por sua vez, permitirão pensar sobre como potencializá-los em uma ação pedagógica. Assim, podemos dizer que a infância e, nela, as crianças, como sujeitos de um tempo que veem o novo naquilo que já é habitual e naturalizado no mundo social, permitem inaugurar diferentes formas de *trabalhar* o gênero.

Essa ação das crianças corrobora com o alerta de Le Breton (2006, p.65) de que: "A Sociologia do Corpo aponta a importância da relação com o outro na formação da corporeidade; constata de forma irrestrita a influência dos pertencimentos culturais e sociais na elaboração da relação com o corpo". Pois, em se tratando dos estereótipos que definem a diferença entre os gêneros, é possível dizer que ela seja um atributo que só faz sentido ou, só pode se constituir, em uma relação. A diferença não está, *a priori*, nos corpos das pessoas permitindo, simplesmente, ser reconhecida. A diferença é atribuída a um sujeito ou a um corpo, ou a uma prática, ou seja lá o que for, quando em relação com esse sujeito ou, com esse corpo ou essa prática, em que é necessário existir um outro para ser tomado como referência, ou seja: "A diferença é produzida através de processos discursivos e culturais. A diferença é "ensinada"" (LOURO, 2008, p.22).

A relevância e centralidade das relações na construção das identidades de gênero, são também válidas para as relações étnico-raciais, de modo que nossa formação identitária está diretamente ligada a relação com nosso corpo e com nosso pertencimento de grupo e, como alertam Bento e Dias (2012, p. 31): "O trabalho com

o corpo, o movimento e a brincadeira merecem atenção especial, porque é no corpo que o racismo ganha concretude e visibilidade na Educação Infantil”.

As discussões em torno das questões étnico-raciais são mais presentes em oito pesquisas do Nupein, sendo cinco de mestrado: Silva (2007); Farias (2013); Gaudio (2013); Mongelo (2013); Vanzuita (2013) e duas de doutorado Mubarak Sobrinho (2009) e Paula (2014). As pesquisas de Mubarak Sobrinho (2009) e Mongelo (2013) abarcam as crianças indígenas, os demais as crianças negras, já a dissertação de Arenhart (2003) revela a mística, a luta e o trabalho na vida das crianças do MST com um recorte nas análises de classe social.

Cristiane Irinéia da Silva (2007) se dedicou às questões étnico-raciais e investiga o processo de acesso das crianças negras na educação infantil na rede municipal de Florianópolis e Simone Vanzuita (2013) analisa as práticas pedagógicas em uma instituição de educação infantil por meio de experiências, vivências e práticas da cultura e da história afro-brasileira e africana partindo de orientações legais da Lei nº 10639/2003<sup>11</sup>. Silva (2007) ao buscar conhecer o processo de seleção e acesso das crianças negras à educação infantil, sobretudo os critérios utilizados pelo sistema público para a matrícula das crianças em suas unidades educacionais, evidencia que nesse processo de seleção, raça e pobreza se associam. Os critérios e as exigências de comprovação de renda ou moradia, dificultam, principalmente, a inscrição das crianças pobres e negras, pois as famílias não conseguem comprovar renda por não estarem trabalhando, ou por não apresentarem comprovante de residência, por morarem em áreas invadidas. Quanto as fichas de matrícula a

[...] análise do processo de inscrição para seleção revelou ainda questões relativas à definição e classificação raça/cor. O que se observou foi que as funcionárias e as famílias tinham dificuldades e até um certo constrangimento no preenchimento das fichas de matrícula, principalmente no quesito cor/raça das crianças. (SILVA, 2007, p. 76).

A pesquisa de Silva (2007) revela que as relações étnico-raciais, presentes nas representações das famílias e de funcionárias/os como parte do imaginário social, expressaram-se por meio de constantes hesitações e até ironias no momento de declarar a raça/cor. Tais relações demonstram a complexidade e dificuldade da questão, implicando talvez uma recusa da própria identidade e, como bem enfatizam Bento e Dias (2012, p. 9): “A identidade tem mil faces, mas há duas características que

---

<sup>11</sup> Lei que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira.

contribuem de forma decisiva para sua formação: a relação que estabelecemos com nosso corpo e a relação que estabelecemos com o grupo ao qual pertencemos”.

A pesquisa de doutorado desenvolvida pela Elaine de Paula (2014) e de mestrado de Ana Lúcia Sant’Anna Farias (2013) realizadas com crianças e adultas/os em quilombos da cidade de Garopaba - Santa Catarina, contribuem nesse sentido, pois Farias (2013) por um lado, identifica o significado simbólico das comemorações promovidas por quilombolas e evidencia a contribuição dos festejos para a conservação da sua identidade étnica e, Paula (2014) por outro lado, evidencia que as crianças quilombolas sofrem constrangimentos na relação com as demais crianças no espaço educativo, mas também, revelam ações e estratégias de proteção e resistência. Segundo Paula (2014) são estratégias não apenas argumentativas, mas também corporais e relacionais:

Assim como Ayana (do Quilombo Aldeia), as crianças do quilombo Morro do Fortunato precisam criar, por meio da constituição de grupo, uma blindagem que as fortaleça coletivamente, construindo práticas para romper com a normatização de um estereótipo instituído pelo outro, e que marca sua cor de pele como símbolo negativo, ainda que esse outro seja também uma criança” (PAULA, 2014, p. 273).

Paula (2014) destaca ainda que, da mesma forma, a centralidade da identidade como criança negra e quilombola, ganha força nos cabelos das meninas, com tranças, cachinhos, laços, grampos e acessórios coloridos. Marcas que reforçam um estilo próprio, a beleza e a representação positiva de sua estética, chamando a atenção das demais meninas e, também dos meninos, no cotidiano da educação infantil. Como afirma Paula (2014, p. 238):

Ser menina quilombola e, especialmente, ser menina moradora do quilombo Aldeia com laços de pertença forte e conscientemente ligados a uma ancestralidade comum, não significa viver apenas em condições precárias, ainda que concretas, mas significa também reafirmar uma dimensão estética positiva que lhes dá a possibilidade de construir margens de ação e intervenção no cotidiano e nas relações sociais nele estabelecidas.

Eduarda Souza Gaudio (2013), ao buscar conhecer os processos sociais das crianças com seus pares e com adultas/os quanto às diferenças étnico-raciais, identificou dois aspectos envolvidos nessa relação: a dimensão corporal e as relações de gênero. Na pesquisa, sobretudo nas relações entre pares, observou “[...] a recorrência de elementos particulares que diferenciavam e hierarquizavam suas relações, sobretudo no que diz respeito aos elementos étnico-raciais, de gênero e a aparência física” (GAUDIO, 2013, p. 11). As crianças indicaram que diferenças como cor da pele, tipo de cabelo, forma e estatura do corpo, desempenho e gênero permeiam suas relações e contribuem para separação, aproximação, aceitação, proibição entre as



ações efetivadas por meninas e meninos do grupo. As análises da pesquisa de Gaudio (2013) ganham força nas Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais:

É com o outro, pelos gestos, pelas palavras, pelos toques e olhares que a criança construirá sua identidade e será capaz de reapresentar o mundo, atribuindo significado a tudo que o cerca, seus conceitos e valores sobre a vida, o belo, o bom, o mal, o feio, entre outras coisas, começam a se constituir nesse período (BRASIL, 2006, p. 31).

A pesquisa desenvolvida por Gaudio (2013) revela também que brinquedos e bonecas/os disseminam um tipo de corpo branco e magro, influenciando, efetivamente, no processo de construção da identidade de todas as crianças, sendo necessário “[...] um trabalho que, além de oferecer bonecos/as negros/as para as crianças, promova situações em que elas possam reconhecer os diversos tipos de pele, cabelos e olhos, no sentido de valorizar as diferenças étnico-raciais existentes em nosso país” (GAUDIO, 2013, p. 173). Compreendemos que esse conjunto de pesquisas anunciam a potencialidade da observação dos modos próprios como as crianças vivem sua infância, os quais, nos dão pistas para compreender como se dá a construção social da infância e, ao mesmo tempo, são preciosidades que podem balizar a ação educativo-pedagógica em espaços de educação coletiva.

A tese de Roberto Sanches Mubarc Sobrinho (2009) investigou as culturas das crianças Sateré-Mawé, comunidade que se localiza em uma área urbana na cidade de Manaus, estado do Amazonas. Sua pesquisa inaugura, no Nupein, os estudos que incluem a perspectiva das crianças indígenas, por meio de uma etnografia, em duas escolas públicas da rede regular do Ensino Fundamental e da Educação Infantil em Manaus, junto a um grupo de doze crianças indígenas da etnia Sateré-Mawé, que moravam na Zona Urbana da cidade de Manaus. A pesquisa buscou estabelecer, a partir das falas das crianças Sateré-Mawé entre 4 e 12 anos, o cruzamento entre os saberes vividos por elas no cotidiano de sua comunidade indígena e os saberes instituídos pelas instituições educativas.

No processo de pesquisa, Murabac Sobrinho (2009), destaca os (des)encontros que configuram a distinção entre os lugares das culturas indígenas, totalmente ausentes no contexto educativo e, a lógica da escola, que determina a existência de uma hierarquia de saberes em que os padrões da vida social urbana devem ser seguidos como o modelo hegemônico vigente. Murabac Sobrinho (2009) também denuncia que nas instituições educativas, as produções culturais das crianças Sateré-Mawé não têm valor legítimo e, se impõem, às crianças Sateré-Mawé o “ofício de aluno”, por meio da

mistificação da visão etnocêntrica de ciência e seus processos de regulação, pela via da maquinação ideológica. Esse processo, oprime seus jeitos de serem crianças indígenas e estabelecem um processo de moldagem para o ofício que lhes é imposto, negando suas vivências comunitárias e os diversos elementos do seu grupo étnico e afirmando-os como um corpo de conhecimentos ilegítimos.

A dissertação de mestrado, desenvolvida pela indígena Joana Vangelista Mongelo (2013), representante da etnia Guarani, analisa as relações entre a Educação Escolar propiciada às/aos Indígenas pelos órgãos governamentais brasileiros e, aquela Educação própria às/aos indígenas, consagrada pela história e tradição de cada povo indígena. Na análise dos dados, entre outras constatações, observou que a proposição de uma Pedagogia Indígena buscaria conhecer melhor quem são esses sujeitos sociais das comunidades indígenas. Tais definições é que poderiam dar pistas para pensar nas especificidades da infância que se diz indígena, ainda tão desconhecida, no espaço da educação brasileira. Nesse sentido, destaca a consistente prática da tradição oral como elemento contundente na qualidade das ações para pensar os conflitos entre Educação Escolar e Educação Indígena.

A última pesquisa que apresentamos, desse conjunto, se refere a dissertação de mestrado de Deise Arenhart (2003) que revela a mística, a luta e o trabalho na vida das crianças do MST. Por meio dos dados de campo a autora revela que por fazerem parte uma sociedade desigual e excludente, as crianças do movimento “[...] trazem as marcas do mundo do trabalho, da fome, do frio, das dificuldades de se viver embaixo da lona preta, do sacrifício da luta cotidiana pela sobrevivência; seus corpos expressam sua condição de classe” (ARENHART, 2003, p. 28). Acessar ao modo de vida dessas crianças, traz a *criança em situação* e revela as desigualdades sociais vividas, a partir da perspectiva delas mesmas, seus medos, suas lutas que marcam seus corpos:

Quando conversávamos sobre medos, o corpo se fechava, a voz enfraquecia, os dedinhos estralavam, os olhos entristeciam. Junto a essa expressão manifesta pela corporeidade das crianças, a maioria delas disse que o pior medo estava em perderem os pais, pela eventualidade de sofrerem alguma violência física, como tiro, brigas, facada... *Eu tenho medo que eles matem a minha mãe e o meu pai, uns já tentaram matar meu pai* (Clauber, 9 anos). (ARENHART, 2003, p. 109).

As pesquisas apresentadas nessa seção do texto revelam que acompanhar e compreender, a partir da perspectiva das crianças, como esse processo que envolve relações com o corpo, com o gênero, com a etnia-raça e a classe social são vividos e significados. Quais conhecimentos, quais elementos sociais e culturais são determinantes nesse processo, quais os usos que as crianças dão a esses

conhecimentos nas relações que estabelecem com seus pares e também com as/os adultas/os, torna-se essencial para os Estudos Sociais da Infância, pois, são diretrizes para conhecer o modo como as crianças vivem a sua infância e a representam. Torna-se fundamental também para demarcar uma educação, em contextos educativos, mais emancipatórios e que sejam potencializadores de relações mais democráticas e igualitárias que repercutam em oportunidades, também mais democráticas e igualitárias, em especial, para aquelas/es em estado de maior subordinação, ou seja, para os grupos sociais com menos poderes na sociedade.

## **PRECEITOS, AUSÊNCIAS E URGÊNCIAS PARA PESQUISAS FUTURAS**

Em sua trajetória de estudos e pesquisas, o Nupein tem buscado contribuir com pesquisas que deem visibilidade para uma compreensão, cada vez mais abrangente, a respeito das crianças e dos diferentes modos de se viver a infância, tendo como finalidade consolidar um espaço de estudos e pesquisas sobre a educação infantil que possibilite a produção de conhecimento na área, a definição de indicadores que subsidiem as políticas educacionais em diferentes instâncias e auxiliem a reflexão acerca dos cursos de formação de profissionais para atuar no âmbito da educação infantil.

O conjunto de pesquisas aqui apresentado recupera as pesquisas que deram centralidade ao corpo, tanto em seu delineamento para a docência na educação infantil pois a ação docente, é baseada nas relações e nos contatos corporais constantes, quanto aos modos de viver a infância em contextos de educação coletiva, pois o corpo é o destinatário das práticas pedagógicas de cuidado e educação e constituidor das relações de gênero, etnia-raça, credo e classe.

Do total de 80 dissertações de mestrado e das 17 teses de doutorado defendidas produzidas nesses 30 anos de trajetória do grupo de pesquisa Nupein, entre as 21 pesquisas aqui apresentadas, somente 10 delas: Arenhart (2003); Costa (2004); Silva (2007); Mubarak Sobrinho (2009); Buss-Simão (2012); Farias (2013); Gaudio (2013); Mongelo (2013); Vanzuita (2013) e Paula (2014) adentram, mais particularmente ao desafio de dar visibilidade às *crianças em situação*. Assim, atualizamos o alerta, já feito em outras produções, de que para conceber as *experiências educativas* como *experiências sociais* e a *criança em situação* e seus contextos de vida, “[...] as pesquisas realizadas no nosso grupo, mantém esse desafio de considerar o pertencimento social, pois há ainda, em nossas pesquisas, um certo apagamento das desigualdades sociais”

(ROCHA; BUSS-SIMÃO, 2018, p. 41). Construir práticas educativas-pedagógicas mais dialógicas com as crianças envolve, não só, acolher e considerar suas vozes e as suas manifestações expressivas, mas também o que elas trazem de seus contextos de vida, corpos marcados pelas relações de gênero, etnia-raça, credo, classe e geração.

## REFERÊNCIAS

ARENHART, Deise. **A mística, a luta e o trabalho na vida das crianças do assentamento Conquista na fronteira**: significações e produções infantis. 2003. 158f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

BARBOSA, Carolina da Silva. **A dimensão corporal na formação inicial de Pedagogia**: uma análise dos currículos nas Universidades Federais do Brasil. 2015. 137f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Sul de Santa Catarina, 2015.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977.

BENTO, Maria Aparecida; DIAS, Lucimar Rosa. Introdução. *In*: Jr. Hélio Silva; BENTO, Maria Aparecida; CARVALHO, Silvia Pereira (orgs.). **Educação Infantil e Práticas Promotoras de Igualdade Racial**. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades – CEERT: Instituto Avisa Lá – Formação Continuada de professores, p. 8-48. 2012.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Educação como Cultura**. Editora Brasiliense: São Paulo, 1985.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 262 p. 2006.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo da Educação Básica 2019**: Resumo Técnico. Brasília, 2020.

BOLTANSKI, Luc. **As classes sociais e o corpo**. 3ª edição: biblioteca de saúde e sociedade, ed. Graal. Rio de Janeiro, 1989.

BUSS-SIMÃO, Márcia. **Infância, corpo e educação na produção científica brasileira (1997-2003)**. 2007. 224f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

BUSS-SIMÃO, Márcia. **Relações sociais em um contexto de educação infantil**: um olhar sobre a dimensão corporal na perspectiva de crianças pequenas. 2012. 312 f. 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

BUSS-SIMÃO, Márcia. **Formação docente:** gênero nos currículos dos cursos de pedagogia nas Universidades Federais no Brasil. Pesquisa financiada pelo CNPq. Relatório Técnico. 2015.

BUSS-SIMÃO, Márcia; ROCHA, Eloisa Acires Candal. Nota crítica sobre a composição de pedagogias para a educação infantil. **Em Aberto**, Brasília, v. 30, n. 100, p. 83-93, set./dez. 2017.

BUSS-SIMÃO, Márcia; ROCHA, Eloisa Acires Candal. Docência na educação infantil: uma análise das redes municipais no contexto catarinense. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 23 e230021, 1-20. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782018230021> 2018.

CABRAL, Viviane Vieira. **O corpo dos bebês na constituição da especificidade da docência na educação infantil.** 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

CARVALHO, Maria Regina Viveiros de. **Perfil do professor da educação básica.** Série Documental - Relatos de Pesquisa, v. 41, p. 1-67, 2018.

CERISARA, Ana Beatriz. **Professoras de educação infantil:** entre o feminino e o profissional. São Paulo: Cortez, 2002.

CONNEL, Robert. **Gender and Power:** society, the person and sexual politics. Califórnia: Stanford University Press. 1987.

CORSARO, Willian A. Reprodução interpretativa e cultura de pares. *In:* MÜLLER, Fernanda; CARVALHO Ana Maria Almeida (orgs.). **Teoria e prática na pesquisa com crianças:** diálogos com Willian Corsaro. São Paulo: ed. Cortez, p. 31-50, 2009.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo:** da Renascenças às luzes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

COSTA, Arlete da. **Cenas de meninas e meninos no cotidiano institucional:** um estudo sobre as relações de gênero, sexualidade e poder na educação infantil. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2004.

COUTINHO, Ângela Maria Scalabrin. **As crianças no interior da creche:** a educação e o cuidado nos momentos de sono, higiene e alimentação. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

DEMÉTRIO, Rubia Vanessa V. **A dimensão corporal da relação educativa com bebês:** na perspectiva das professoras. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

DUARTE, Fabiana. **Professora de bebês:** as dimensões educativas que constituem a especificidade da ação docente. 2011. 288f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

DUARTE, Fabiana. **As relações socioculturais das crianças na escola de Samba**. 2020. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, v.1, 1994.

FARIAS, Ana Lúcia Sant'anna. **Dos bailes de outrora à Festa da Tainha: significados e princípios educativos das festas no quilombo Aldeia**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

FERREIRA, Maria Manuela Martinho. **"- A gente aqui o que gosta mais é de brincar com os outros meninos!"** - as crianças como atores sociais e a (re) organização social do grupo de pares no cotidiano de um Jardim de Infância. 2002. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto, 2002.

GAUDIO, Eduarda. **Relações sociais na educação infantil: dimensões étnico-raciais, corporais e de gênero**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão**. História. Coleção para todos. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade - Brasília: Ministério da Educação, 2005.

GONÇALVES, Fernanda. **As palavras e seus deslimites: a relação dos bebês com os livros na educação infantil**. 2019. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

JAMES, Alison. Ethnography in the Study of Children and Childhood. *In: ATKISON, Paul (Hrsg.). Handbook of Ethnography*. Los Angeles: Sage, 2008.

KELLE, Helga. Mädchenkultur - Jungenkultur oder *eine* Kultur der Zweigeschlechtlichkeit? **Feministische Studien**. 15 Jahrgang. Nr. 2, 131-142, 1997.

KELLE, Helga. Geschlechterterritorien: eine ethnographische Studie über Spiele neun-bis zwölfjähriger Schulkinder. **Zeitschrift für Erziehungswissenschaft**. 2 jahrg. 211-228, 1999.

KELLE, Helga. Gender and Territoriality in games played by nine-to-twelve-year-old Schoolchildren. **Journal of Contemporary Ethnography**. vol. 29, n. 2, p. 164-197, 2000.

LE BRETON, David. **Antropología del cuerpo y modernidad**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1995.

LE BRETON, David. **A Sociologia do Corpo**. Petrópolis: Vozes, 2006.

LE BRETON, David. **As paixões ordinárias: antropologia das emoções**. Petrópolis: Vozes, 2009.

LESSA, Juliana Shumacker. **O espaço alimentar e seu papel na socialização da infância:** o caso de uma creche pública. 2011. 208 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

LESSA, Juliana Schumacker. **Infância, educação e processos geracionais:** um estudo das relações e práticas do comer das crianças em um contexto público de educação infantil. 2019. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. Pensar categorias em história da educação e gênero. **Projeto História**. São Paulo. Educ, 11, nov. 7-18. 1994.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**. v.19, n. 2 (56), p. 17-23, 2008.

McMURRAY, Paula. Gender behaviors in an early childhood classroom through an ethnographic lens, **International Journal of Qualitative Studies in Education**, 11: 2, 271-290. 1998.

MONGELO, Joana. **Okotêvê Ja Vy'a educação escolar indígena e educação indígena:** Contrastes, conflitos e necessidades. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

MUBARAC SOBRINHO, Roberto S. **Vozes infantis:** as culturas das crianças Sateré-Mawé como elementos de (des)encontros com as culturas da escola. 2009. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

PAULA, Elaine De. **"Vem Brincar na rua!". Entre o quilombo e a Educação Infantil:** capturando expressões, experiências e conflitos de crianças quilombolas no entremeio desses contextos. 2014. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

RAMOS, Joaquim; GOMES, Maria de Fátima Cardoso, SILVA, Alexander Ruiz. Professores homens na educação inicial: um estudo de caso em uma instituição de educação infantil Colombiana. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, vol. 22, n. 42. p. 382-408. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2020v22n42p382>

ROCHA, Eloísa Acires Candal. **A pesquisa em educação infantil no Brasil:** trajetória recente e perspectiva de consolidação de uma pedagogia. Florianópolis: UFSC, Centro de Ciências da Educação, Núcleo de Publicações, p. 290, 1999.

ROCHA, Eloisa Acires Candal. Por que ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira (org.) **A crianças fala:** a escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Editora Cortez, p.43-51, 2008.

ROCHA, Eloisa Acires Candal; BUSS-SIMÃO, Márcia. Infância, experiência e educação: apontamentos a partir de reflexões sobre a pequena infância. **childhood & philosophy**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 29, p. 27- 42, jan/abr. 2018.

ROCHA, Eloisa Acires Candal; LESSA Juliana Shumacker; BUSS-SIMÃO, Márcia. Pedagogia da infância: interlocuções disciplinares na pesquisa em educação. **Da Investigação às Práticas**, Lisboa, v. 6, n. 1, p. 32-49, mar. 2016.

SABBAG, Samantha. **"Porque a gente tem um corpo né..., mas a gente só lembra do corpo quando ele dói!"**: a centralidade do corpo adulto nas relações educativas na educação infantil. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

SAYÃO, Débora Thomé. **Relações de gênero e trabalho docente na Educação Infantil**: um estudo de professores em creche. 2005. 273 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

SCHMITT, Rosinete Valdeci. **"Mas eu não falo a língua deles!"**: as relações sociais de bebês num contexto de educação infantil. 2008. 218f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2008.

SCHMITT, Rosinete Valdeci. **As relações sociais entre professoras, bebês e crianças pequenas**: contornos da ação docente. 2014. 282f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995.

SHILLING, Chris. **The body and social theory**. London: Sage Publications. 1996.

SHILLING, Chris. **Changing bodies**: habit, crisis and creativity. Los Angeles, London, New Delhi, Singapore: Sage. 2008.

SILVA, Cristiane Irinéa. **O acesso das crianças negras à educação infantil**: um estudo de caso em Florianópolis. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

SILVA, Ana Márcia. **O corpo do mundo: reflexões acerca da expectativa de corpo na Modernidade**. 1999. 236f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 1999.

SILVA, Isabel Rodrigues da. **Dinâmicas corporais na docência com bebês**. 2018. 173f. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Educação) - Universidade do Sul de Santa Catarina. 2018.

SILVA, Isabel de Oliveira e; LUZ, Iza Rodrigues da; FARIA FILHO, Luciano Mendes de Grupos de pesquisa sobre infância, criança e educação infantil no Brasil: primeiras aproximações. **Revista Brasileira de Educação** [online]. Rio de Janeiro, v. 15, n. 43, p. 84-97, 2010. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782010000100006>.

SHILLING, Chris. **The body and social theory**. London: Sage Publications. 1996.



- SHILLING, Chris. **Changing bodies:** habit, crisis and criativity. Los Angeles, London, New Delhi, Singapore: Sage. 2008.
- SOARES, Carmem Lúcia. **Imagens da educação no Corpo:** estudo a partir da ginástica francesa no século XIX. Campinas: Autores Associados, 1998.
- SOARES, Carmem Lúcia. Corpo, conhecimento e educação. *In:* SOARES, Carmem Lúcia (org). **Corpo e História.** Campinas: Autores Associados, 2001, p. 110-129.
- TARDIF, Maurice. O trabalho docente, a pedagogia e o ensino: interações humanas, tecnologias e dilemas. **Cadernos de Educação.** Faculdade de Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, nº 16, p. 15-47, jan./jun. 2001.
- THORNE, Barrie. **Gender Play: girls and boys in school.** Open University Press Buckingham, 1993.
- TRISTÃO, Fernanda Carolina Dias. **Ser professora de bebês:** um estudo de caso de uma creche conveniada. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.
- TURNER, Bryan S. **Regulating Bodies:** essays in medical sociology. London and New York: Routledge, 1992.
- TURNER, Bryan S. **The body and society.** Sage Publications: London-Thousand Oaks-New Delhi, Second edition, 1996.
- TURNER, Bryan S. Introdução. *In:* TURNER, Bryan S. **Teoria Social.** Tradução de Inês Brasão. Miraflores: Difel, p. 1-22, 1996a.
- TURNER, Bryan S. The Sociology of the Body. *In:* TURNER, Bryan S. **Social Theory.** Wiley-Blackwell. 2009.
- VALA, Jorge. A Análise de Conteúdo *IN:* SILVA, Augusto Santos; PINTO, José Madureira (org.). **Metodologia das Ciências Sociais.** Porto. Biblioteca das Ciências do Homem. Editora: Afrontamento, 10ª edição, p. 101-128, 1999.
- VANZUITA, Simone. **Relações étnico-raciais:** orientações, leis e prática nas instituições de educação infantil. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.
- VAROTTO, Mirte Adriane. **Educação Física com Bebês:** as práticas pedagógicas nas creches da rede municipal de ensino de Florianópolis. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2015.
- VIGARELLO, Georges. **O limpo e o sujo:** uma história da higiene corporal. São Paulo: Martins Fontes. 1996.
- ZIMMER, Karine. **Infância e Pedagogia:** uma análise sobre documentos curriculares de formação inicial em interlocução com as relações de gênero e sexualidade. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2021.

## NOTAS

### CORPO E INFÂNCIA NAS PESQUISAS EM EDUCAÇÃO INFANTIL: TRAJETÓRIAS DO NUPEIN

Body and childhood in early childhood education research: Nupein trajectories

**Márcia Buss-Simão**

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina  
Professora na Universidade Federal de Santa Catarina  
Departamento de Estudos Especializados em Educação  
Centro de Ciências da Educação  
Florianópolis, Brasil

[marcia.simao@gmail.com](mailto:marcia.simao@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0001-6076-0640>

### ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Rua Lauro Linhares, 689, Bloco B1-Ap.108, CEP 88036-001, Florianópolis, SC, Brasil.

### AGRADECIMENTOS

Aproveito, o momento comemorativo, para agradecer a professora Doutora Eloisa Acires Candal Rocha e ao professor Doutor João Josué da Silva Filho por aceitarem orientar minhas pesquisas de mestrado, doutorado e pós-doutorado acolhendo-me no Nupein. Manifesto aqui, toda minha gratidão e honra, pela possibilidade de fazer parte do Nupein! Gratidão também a todas as pesquisadoras e pesquisadores que, compondo esse coletivo do Nupein, contribuíram e contribuem com a produção do conhecimento para melhor compreender as crianças e seus diversos modos de viver a infância, conhecimentos estes que nos possibilitam balizar a ação educativo-pedagógica na educação infantil considerando seus diversos contextos de pertencimentos, a fim de, consolidar uma Pedagogia da Infância.

### CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

**Concepção e elaboração do manuscrito:** M. Buss-Simão

**Coleta de dados:** M. Buss-Simão

**Análise de dados:** M. Buss-Simão

**Discussão dos resultados:** M. Buss-Simão

### CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

### FINANCIAMENTO

Não se aplica.

### CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica

### APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica

### CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

### LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

**PUBLISHER** – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

**EDITORES** – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão e Kátia Agostinho.

**HISTÓRICO** – uso exclusivo da revista

Recebido em: 17-06-2021 – Aprovado em: 20-07-2021